

AJITH FERNANDO

a supremacia de **CRISTO**

uma apologética ao alcance de todos




SHEDD
PUBLICAÇÕES

Índice

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11

Primeira Parte: Jesus é a verdade

1	O Cristo supremo e o desafio do pluralismo	17
2	Jesus é verdade absoluta	25
3	Suas palavras afirmam que ele é absoluto	35
4	Suas obras autenticam as suas palavras	55
5	Jesus, os milagres, e o ministério hoje	71
6	Os evangelhos são relatos historicamente exatos?	81
7	Mais perguntas fundamentais	95
8	A alegria da verdade	105

Segunda Parte: Jesus é o caminho

9	O significado da cruz	121
10	A cruz desafia a auto-suficiência humanística	135
11	A justiça da cruz	149

Terceira Parte: Jesus é a vida

12	O dom da vida eterna	163
13	A nova humanidade	179
14	A cruz e o problema do sofrimento	193
15	A ressurreição é prova	213
16	A evidência da ressurreição	231
	Conclusão: a resposta de Deus à humanidade	247

<i>Bibliografia selecionada</i>	249
---------------------------------	-----



A cruz e o problema do sofrimento

Nas minhas conversas com não-cristãos, uma das perguntas que surge invariavelmente diz respeito a como se podem reconciliar todos os sofrimentos no mundo com a existência de um Deus que, segundo se declara, é tão bom quanto onipotente. Esse problema, até mesmo as personagens bíblicas precisavam enfrentar, conforme reflete a declaração de Jó: “Quando um flagelo causa morte repentina, ele zomba do desespero dos inocentes” (Jó 9.23). John Stott diz que “o fato do sofrimento, sem dúvida alguma, se constitui no maior desafio individual à fé cristã.”¹ Se Cristo é a solução última de Deus ao dilema humano, logo, o seu evangelho precisa enfrentar, de modo adequado o problema do sofrimento e da iniquidade.

As respostas das demais religiões

As demais religiões possuem respostas a esse dilema. O alicerce do budismo, as Quatro Verdades Nobres, começa com uma afirmação a respeito do sofrimento: toda a existência envolve o sofrimento ou *dukkha*. O modo de Buda entender aqui o sofrimento é um pouco semelhante ao entendimento bíblico da frustração ou da futilidade, conforme é exposta em Eclesiastes e em Romanos 8.15-25. Buda disse que o sofrimento é provocado pelo anelo, ou *tanha* (a Segunda Verdade Nobre). Os infortúnios que as pessoas sofrem são resultado de *carma* negativo acumulado nos nascimentos prévios e no atual. Buda entendia que o sofrimento cessa, quando cessa o anelo em Nirvana (a Terceira Verdade Nobre), e apresentou seu óctuplo caminho, ou *magga*, como o meio de aniquilar o anelo (a Quarta Verdade Nobre). Posto que o budismo não é uma religião teísta,² os budistas não precisam se atracar com o problema teológico de precisar reconciliar o problema do sofrimento com a existência de um Deus supremo.

O hinduísmo, assim como o budismo, explica a dor e o sofrimento como resultados do *carma* que a pessoa acumulou. Dentro do hinduísmo,

existem modos diferentes de considerar a deidade (as variações que vão desde o monismo panteísta impessoal até ao politeísmo, e daí, ao monoteísmo). Esses conceitos do divino, entretanto, são tais que não levantam o problema de reconciliar o sofrimento com a bondade de um Deus pessoal – do modo como o cristianismo o levanta. Os hindus politeístas sustentariam que existem deuses bons e deuses maus. Especialmente interessante é o monismo do hinduísmo vedântico, no qual é reconhecida uma só realidade (Braman). Se fôssemos considerar, daquela perspectiva, o que parece ser o mal, não pareceria ser mal algum. O que é experimentado como o mal, é assim, porque é experimentado como parte da totalidade. A totalidade é completa e está em perfeita harmonia consigo mesma. Muitos budistas e hindus consideram que a explicação carmista é uma resposta mais adequada ao problema do sofrimento do que a explicação cristã.

Devemos nos lembrar que, na prática, a maioria dos budistas e hindus possuem um elemento animista na sua vida religiosa, no qual as deidades são consideradas responsáveis pelo bem e pelo mal que as pessoas encontram pelo caminho. Os deuses diferentes são aplacados ou sua ajuda é solicitada, nos santuários ou nas cerimônias especiais. Práticas tipicamente mágicas são empregadas nesses casos. O mesmo acontece nas variadas religiões tribais animistas e politeístas em diferentes partes do mundo. Em Sri Lanka, santuários aos deuses acham-se com frequência ao lado dos templos budistas. Nos templos hindus e nos templos budistas chineses, fazem parte do próprio ritual do templo. A maioria dos seguidores do budismo popular em Sri Lanka vão até um santuário ou a um astrólogo ou exorcista, antes de entrarem no templo budista, quando têm diante deles algum mal ou temor. Portanto, embora teoricamente se diga que a lei do *carma* explique o problema do sofrimento, a crença em potências sobrenaturais permeia as atividades dos budistas e hindus, quando se trata de lidar com o mal e a dor.

A antiga religião persa, o zoroastrianismo, sustentava um dualismo completo, com dois seres, tendo poderes quase idênticos. O totalmente Bom Criador, chamado Ahura Mazda (o Senhor sábio) é o criador de todas as coisas. O mal no mundo provém do Espírito Destruidor, cuja natureza é violenta e destrutiva. Declara-se que as situações dependem de qual deus está exercendo o controle em determinado momento, local ou circunstância. Os persas representam o que hoje resta do zoroastrianismo. A maioria deles se acham na Índia, tendo mudado para lá, depois de ser perseguidos na sua Pérsia natal.

Platão, o antigo filósofo grego, e filósofos modernos como John Stuart Mill, Edgar Sheffield Brightman e Peter Bertocci procuram solucionar o problema do sofrimento, declarando que, embora Deus seja bom, é finito.

A resposta dos muçulmanos ao problema do sofrimento tem semelhanças com a resposta cristã. Entendem o sofrimento às vezes como um castigo pelos delitos cometidos, às vezes como prova da fé. Na sua explicação também há um lugar para Satanás, embora seu papel seja considerado secundário. Entendem que Satanás opera dentro da vontade de Deus, a fim de provar as pessoas. O ponto de vista muçulmano, porém, está fortemente influenciado pelo conceito de que Deus está muito além de qualquer coisa que possamos compreender adequadamente. Geralmente o considera alheio à responsabilidade moral ou a qualquer envolvimento nos sofrimentos humanos. Embora tudo provenha de Deus, ele não é responsável no sentido de precisar prestar contas por aquilo que acontece. Existe um senso assolebante de predestinação: aquilo que acontece é da vontade de Deus e tem forçosamente que acontecer. O próprio nome *Islam* (islamismo) significa “submissão a Deus.”

Os muçulmanos demonstram forte militância, ao lutarem a favor da causa de Deus e da sua religião, conforme demonstra seu compromisso com o Jihad ou guerra santa. Quando, porém, se trata de assuntos como a tragédia pessoal, a enfermidade, os reveses financeiros e a pobreza extrema, prevalece uma atitude de resignação. Esse fato é evidenciado pelo uso comum da expressão árabe *Insha'llah*, que significa “se Deus quiser.” Existe, portanto, grande relutância em questionar a providência de Deus que permite que aconteçam tragédias. Essa atitude talvez tenha algo que ver com o fato de a maioria dos países muçulmanos ser muito pobres, e de a vasta maioria dos muçulmanos no mundo ser pobres. Quando as pessoas ficam tão influenciadas por um conceito tão absoluto da predestinação, talvez não estejam suficientemente motivadas para fazer alguma coisa construtiva, quando sofrem ou veem os outros sofrerem.

A Bíblia e o problema do sofrimento

AS CAUSAS DO MAL E DO SOFRIMENTO

Embora talvez desejássemos uma resposta filosófica a esse problema na Bíblia, não a achamos, porque, conforme diz John Stott: “Seu propósito é mais prático do que filosófico.”³ Apesar disso, a Bíblia realmente lida com o problema do mal e do sofrimento, e isso, de várias perspectivas.

“Jesus era um homem exemplar e um grande mestre espiritual, mas não posso acreditar que era Deus.”

“Todas as religiões ensinam quase a mesma coisa, eu simplesmente adoto aquilo que existe de melhor em cada uma delas... Essa é a minha fé.”

“Viver uma vida honesta basta para me levar ao céu.”

Você já ouviu essas declarações? São ditas o tempo todo para refutar as afirmações incomparáveis do cristianismo. Mas você consegue respondê-las de modo eficaz?

O que você diz aos membros da Nova Era, aos muçulmanos, aos budistas, às Testemunhas de Jeová ou aos pluralistas, quando a teologia deles entra em choque com aquilo que você sabe ser a verdade? Este livro oferece respostas sólidas. Foi escrito por um homem cujo ministério lhe tem dado oportunidades de conversar sobre religião com pessoas em todas as partes do mundo.

Depois de mais de duas décadas, ouvindo perguntas a respeito das afirmações de Jesus e das objeções à doutrina cristã, o autor responde a vários argumentos, e para isso usa as próprias palavras, milagres e os relatos bíblicos a respeito de Jesus. Em vez de apenas apresentar os textos-prova, coloca Cristo – e o cristianismo – face a face com aquelas ideologias em concorrência entre si e apresenta a verdade. Assim, apresenta uma apologética que comprova a legitimidade da nossa fé e valida o absolutismo do cristianismo.

Ajith Fernando foi o diretor nacional da Mocidade para Cristo em Sri Lanka, durante 35 anos. Ele e a esposa ajudaram a fundar e a dirigir uma congregação que consiste principalmente em convertidos do budismo. Fernando também ministra em conferências e universidades em todas as partes do mundo. É autor de vários livros, entre eles *Chamados para a dor e alegria*, publicado pela Edições Vida Nova.



www.sheddpublicacoes.com.br

ISBN 978-85-88315-16-7



Apologética